

RICARDO CORAÇÃO DE LEÃO, UM HERÓI ROMÂNTICO?: UM ESTUDO SOBRE A (RE)MITIFICAÇÃO DO MEDIEVO EM “IVANHOE” (1819) DE WALTER SCOTT

MAURICIO DA CUNHA ALBUQUERQUE¹; DANIELE GALLINDO GONÇALVES
SILVA²

¹Universidade Federal de Pelotas – mauricioalbuquerq@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – danigallindo@yahoo.de

1. INTRODUÇÃO

Ele é como um super-herói medieval. Seus biógrafos o tinham como o modelo ideal de governante: rei, cavaleiro e cruzado. Sua força e vigor físico eram fora do comum. Em batalha, tornava-se um verdadeiro leão, atacando seus oponentes com ferocidade inigualável. Jamais recuava e não hesitava em salvar seus soldados quando eles estavam em situação de perigo. Sua reputação era comparável à dos heróis mitológicos dos épicos antigos e dos romances de cavalaria. Ele “tinha o valor de Heitor, o heroísmo de Aquiles; ele não era inferior a Alexandre, nem menos valente que Rolando” – afirma um cronista da época (DE TEMPLO *apud* RODRIGUES, 2019, p. 155). Era descendente do deus Woden, e em sua jornada à Jerusalém levava consigo a espada Excalibur. Tal descrição pode levar o leitor a crer que estamos falando de algum personagem lendário, retirado de um conto de fadas infantil, ou de alguma narrativa pop, do tipo *Capa e Espada* ou “*Sword and Sorcery*” (“Espada de Feitiçaria”).

Na verdade, trata-se de um sujeito histórico real. Ele viveu na segunda metade do século XII, e governou uma grande porção da Europa ocidental entre os anos de 1189 d.c e 1199 d.c. Ricardo, primeiro de seu nome – mais conhecido pelo epíteto “*Ricardo Coração de Leão*” – foi o 28º dos 66 reis e rainhas que ocuparam o trono da Inglaterra. Duque da Normandia e da Aquitânia, Conde de Anjou, do Maine e de outras regiões próximas, o Rei Ricardo tinha sob seu governo toda a Inglaterra, a metade Oeste da França, e posteriormente conquistou a Sicília e o Chipre. Graças em grande parte aos seus feitos durante a Terceira Cruzada (1189 d.c – 1192 d.c), este monarca entrou para a história como o grande Rei-Cavaleiro, exemplo de coragem, bravura e perícia nos assuntos da guerra. Durante seu reinado, e, também, nos anos posteriores a sua morte (1199 d.c), não faltaram cronistas, trovadores e menestréis para narrar suas façanhas, acrescendo elementos e episódios ficcionais à sua história de vida. Ricardo, assim, tornou-se em um ser quase lendário na imaginação dos ingleses, superando em fama outros reis como Eduardo III (que iniciou a Guerra dos Cem anos) e Henrique V (vencedor da Batalha de Agincourt [1415 d.c]), chegando, inclusive, a integrar o universo *Robinhoodiano*.

Este trabalho versa sobre um tipo particular de representações deste personagem que foi produzido durante o século XIX. Ao longo do oitocentos alguns poetas, romancistas, pintores e ilustradores optaram por explorar outros aspectos da vida de Ricardo I, salientando elementos como seu resgate do cativeiro na Alemanha (realizado pelo Menestrel Blondel, segundo uma lenda que surge no século XIII), sua relação com Robin Hood, sua vontade de tornar-se o melhor cavaleiro, e outros episódios que evidenciam seu lado mais humano, destoando consideravelmente das narrativas produzidas a respeito de tal personagem durante o medievo. Assim, este “novo Rei Ricardo”, nascido no início

do século XIX, possui um perfil bem mais jovem, ousado, rebelde, e até inconsequente, se comparado ao monarca perfeito que nos é apresentado nas crônicas e nos romances métricos produzidos na Inglaterra

Que fatores explicam uma mudança tão drástica na forma como este personagem, tão atrelado à guerra e ao militarismo, é representado nas artes (poemas, romances, pinturas e ilustrações) do oitocentos? Nossa proposta consiste em analisar uma destas representações, tendo como foco 1) a (re)mitificação do herói medieval; e 2) a influência do romantismo para a construção de um novo imaginário acerca do personagem. A fonte escolhida para análise é o romance *"Ivanhoe"* (1819 d.c) de Walter Scott, que é – em nosso entendimento – o grande divisor de águas no que concerne à forma com Ricardo I é representado na literatura e nas artes britânicas durante o oitocentos.

2. REFERENCIAIS TEÓRICOS E METODOLOGIA

No que concerne à teoria, o trabalho proposto se alinha a duas correntes historiográficas que fornecem o repertório conceitual – isto é, as categorias heurísticas de análise e referenciais de cunho teórico – necessários para nossa empreitada. A primeira se chama *Studies in Medievalism* – nome que designa a corrente anglo-americana de estudos sobre a recepção do medievo – e a segunda é a Nova História Cultural. Utilizamos, então, das noções de medievalismo (WORKMAN apud MATHEW, 2015, p. 7), representação (CHARTIER, 2011, p. 22) e imaginário (WUNENBURGER, 2007, p. 12). Quanto à metodologia empregada, nos baseamos na mitocrítica de Gilbert Durand (1985).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

"Ivanhoe" foi lançado em 1819, em três edições, sendo a 13^a das *Waverley Novels* – nome dado aos romances históricos produzidos por Walter Scott entre 1814 e 1831. Neste momento, Scott ainda não se identificava em seus romances, provavelmente para preservar seu nome caso o projeto literário não obtivesse o sucesso almejado, assinando sob o pseudônimo de *"the author of Waverley"* ("o autor de *Waverley*"). Seus doze primeiros romances tinham como pano de fundo a Escócia dos séculos XVII e XVIII, sendo *"Ivanhoe"* sua primeira empreitada ambientada na Inglaterra Medieval neste tipo de literatura.

O romance se passa no ano de 1194 d. c, contexto em que o rei Ricardo I é sequestrado e feito refém pelo Imperador alemão (Henrique VI) enquanto regressava da Terceira Cruzada. Neste meio tempo, o príncipe regente João (irmão mais novo de Ricardo) se aproveita da ausência do governante e planeja um golpe de Estado, apoiado pelos cavaleiros normandos Reginald Front-de-Boeuf e Brian de Boi-Guilbert.

A intriga política se soma a outro ingrediente de importância equivalente, que proporciona mais tensão à história: o conflito étnico entre saxões e normandos, apresentado por Scott nestas palavras:

Quatro gerações não tinham sido suficientes para misturar o sangue hostil dos normandos e anglo-saxões, ou para unir, pela linguagem comum e os interesses recíprocos, duas raças hostis, uma das quais ainda sentia a soberba do triunfo, enquanto a outra gemia sobre sob todas as consequências da derrota (1972, p. 6)

Continua o autor:

O poder fora colocado completamente nas mãos da nobreza normanda pelos acontecimentos da Batalha de Hastings [1066 d.c], tendo sido usado, como os nossos historiadores nos asseguram, por mãos nada moderadas. Toda a raça de príncipes e nobres saxões fora destruída ou deserdada, com poucas ou nenhuma exceção (1972, 7)

A história é protagonizada por Wilfred de Ivanhoe, um jovem guerreiro de origem saxã (portanto, pertencente ao grupo étnico dominado) que fora deserdado por seu pai (Cedric de Rotherwood) por ter ido às cruzadas, lutar junto do rei Ricardo (que possui ascendência normanda, logo, pertencendo ao grupo dominante) na tentativa de recuperar Jerusalém. Ao longo da aventura, Wilfred faz alguns amigos, como Robin de Locksley, Isac de York e Rebecca (estes últimos de origem judia), e percebe que a Inglaterra se encontra em um verdadeiro caos. Não apenas as minorias étnicas (judeus e saxões) sofrem com as perseguições da elite normanda, mas também todos aqueles que oferecem alguma oposição à conspiração engendrada pelo Príncipe João, ou que guardam algum resquício de fidelidade ao soberano desaparecido.

Ricardo desempenha um papel bastante intrigante nesta trama. Trajando uma armadura negra que oculta completamente sua identidade, o rei utiliza do anonimato conferido pelo disfarce para ajudar aqueles que estão em perigo. Chega a salvar Ivanhoe e Rebecca de um castelo em chamas e até se alia com Robin de Locksley, chefe dos ladrões que habitam a floresta de Sherwood. Ainda como cavaleiro negro, vemos Ricardo fazer coisas pouco convencionais para uma pessoa de sua posição. Ele bebe de maneira descontraída, canta e toca alaúde com Frei Tuck, faz inclusive um jogo de socos com o eremita. Mais tarde na história, o monarca revela sua identidade, mas pede para que os súditos não deixem de se divertir em sua presença apenas por saberem quem ele é. A cena que melhor esboça a mudança na representação do monarca é a festa na floresta, em que o rei bebe, e se diverte junto de seus súditos – incluindo os ladrões do bando de Robin de Locksley, que estão entre seus seguidores mais fiéis.

No fim da história, quando João e seus lacaios já tomam conhecimento do retorno de Ricardo I e desistem do golpe de Estado, o Rei-Cavaleiro propõe que os grupos que habitam a Britânia devem unir-se pelo futuro da nação. Chega inclusive a dizer a Cedric – um dos personagens centrais da obra – que não o chame mais de Ricardo d'Anjou, mas de “Ricardo da Inglaterra, cujo maior interesse é ver seus filhos unidos entre si” (SCOTT, 1972, p. 519). O autor ainda reforça a ideia nas últimas páginas do livro, afirmando que “Os saxões sentem que serão tratados com maior igualdade e justiça sob Ricardo, do que conseguiriam em uma guerra civil” (1972, p. 551). No último parágrafo do livro, quando é explicado o destino de cada um dos personagens, Scott lamenta a morte prematura do soberano inglês, afirmando que “Com a vida de um monarca generoso, mas [também] precipitado e romântico, pereceram todos os projetos que sua ambição e generosidade haviam formado”(1972, p. 557)

4. CONCLUSÕES

“Ivanhoe” é uma obra paradigmática da literatura oitocentista. Sua estrutura narrativa serviu de base para vários outros romances históricos – como as histórias de Robin Hood – e fez com que Walter Scott adquirisse fama internacional. Trata-se de uma história que fala sobre coragem, justiça, o abuso

do poder e resistência em momentos de crise – o que não poderia ser diferente dado seu contexto de produção.

Situar o rei Ricardo I no cenário fictício de uma Inglaterra caótica e apresenta-lo como líder-herói de um processo unificador é, decerto, o que diferencia “*Ivanhoe*” de outras tantas obras semelhantes, que narram as aventuras desse mesmo personagem, costumeiramente lembrado por suas empreitadas militares, seus excessos e excentricidades. O discurso que permeia a obra inteira é o da conciliação, primeiramente étnica (entre saxões e normandos) e posteriormente social, marcado na aliança estabelecida entre Ricardo (o rei), Ivanhoe (baixa nobreza) e Robin Hood (plebe), o que podemos relacionar com a própria situação vivida na Grã-Bretanha naquele momento, em que os contrastes políticos (Monarquia vs República), econômicos (aristocracia fundiária vs burguesia industrial) e sociais (campo vs cidade) se mostravam cada vez mais latentes.

A representação que Scott nos traz do rei Ricardo é, decerto, a de um herói, mas não do herói épico, como narrado pelos cronistas ingleses e nos romances métricos medievais. Consiste em um herói idealizado a partir de um outro imaginário, o do romantismo, movimento artístico-cultural que, entre muitas outras coisas, enaltecia a rebeldia, a transgressão e a busca pela liberdade. O herói romântico não é um herói perfeito; ele é naturalmente falho, podendo agir de maneira excêntrica e até narcísica, mas em prol de uma causa maior. Em “*Ivanhoe*”, o Rei-Cavaleiro bebe, festeja, brinca e se diverte com seus súditos; vive um eterno romance de cavalaria, mas em nenhum momento nega ajuda aos necessitados, realizando verdadeiras proezas para salva-los do perigo.

Nas décadas posteriores à publicação deste romance, o número de obras, tanto visuais quanto literárias, voltadas às aventuras do rei Ricardo I aumenta consideravelmente, gerando uma diversidade de representações que abrangem da sátira à literatura infantil. Nosso próximo passo será verificar se essas narrativas, produzidas a posteriori, guardam alguma semelhança com o romance que analisamos aqui e que outros valores são atribuídos à figura do famoso Rei-Cavaleiro inglês no período vitoriano.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHARTIER, Roger. Defesa e Ilustração da Noção de Representação. **Fronteiras**. v. 13, n. 4, p. 15 – 29, 2011.
- DURAND, Gilbert. Sobre a exploração do imaginário, seu vocabulário, métodos e aplicações transdisciplinares: mito, mitanálise e mitocrítica. **Revista da Faculdade de Educação**. v. 11, n. 1, p. 243 – 273, 1985.
- MATHEW, David. **Medievalism: A Critical Review**. Sufolk: Boydell & Brewer, 2015.
- RODRIGUES, Gabriel Toneli. As habilidades militares de Ricardo I no *Itinerarium Peregrinorum et Gesta Regis Ricardi* (1217-1222). **Revista Vernáculo**. v. 43, n. ___, p. 130 – 160, 2019.
- SCOTT, Walter. **IVANHOE**. São Paulo: Abril, 1972.
- WUNENBURGER, Jean-Jacques. **O Imaginário**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.